

Literatura no rádio: o programa Da Estante e a experiência de um clube de leitura na Rádio da Universidade

Liz De Bortoli Groth Athia¹

Introdução

Em agosto de 2021, em meio ao trabalho remoto por conta da pandemia de Covid-19, lançamos o programa Da Estante, que se configura como um espaço de compartilhamento de leituras em voz alta com os ouvintes da Rádio da Universidade (UFRGS). Composta inicialmente pela produtora cultural, Mariana Sirena, e pela locutora, Liz De Bortoli², a equipe se fundamentou em leituras de Michèle Petit (2009), que aponta a literatura como um modo de resistir às adversidades, e de Antonio Candido (2011), que defende a literatura como um direito humano fundamental, para desenvolver o projeto.

Michèle Petit, em seu livro *A arte de ler ou como resistir à adversidade* (2009), acompanhou diversos grupos de pessoas que têm projetos de leitura compartilhada com grupos vulnerabilizados, e aponta o quanto a literatura tem papel fundamental na reconstrução das subjetividades dessas pessoas. A autora abre o livro pontuando que “a ideia de que a leitura pode contribuir para o bem-estar é sem dúvida tão antiga quanto a crença de que pode ser perigosa ou nefasta. Seus poderes reparadores, em particular, foram notados ao longo dos séculos.” (p. 15), e cita Montesquieu, em discurso proferido por ele, que disse que uma hora de leitura afastava dele qualquer dor que sentisse. Longe de querer cair na demagogia, Petit relata diversas experiências que apontam para esta conclusão: a leitura e seu poder reparador.

Já o teórico brasileiro nos apontou para a necessidade de imaginar, de sonhar outras realidades a partir da leitura literária. Vista como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade [...]” (CANDIDO, p. 176, 2011), a literatura é apontada pelo autor como indispensável.

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (p. 177).

Tais considerações nos motivaram a desenvolver o programa, que é produzido em duas frentes. A primeira, veiculada de segunda a sexta-feira na Rádio da Universidade

1Mestranda em Estudos de Literatura pela UFRGS. E-mail: liz.athia@ufrgs.br

2 É habitual, no rádio, que escolhamos apenas um sobrenome para nos apresentarmos. Apenas para esclarecimento, Liz De Bortoli é a autora deste texto.

(UFRGS), promove a leitura de textos curtos, como crônicas, contos, poemas e cartas, entre outros, buscando diversidade e pluralidade na seleção de cada semana, que é feita a partir de um tema central. A segunda frente é a produção de um episódio semanal, que vai ao ar aos domingos tanto pelo dial como pelo site da Rádio, com uma obra literária completa, escolhida no acervo do domínio público, dividida por capítulos. Até janeiro de 2023, veiculamos duas obras completas: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (1994) e *A Falência*, de Júlia Lopes de Almeida (2019).

Uma das características do programa que faço destaque é que a leitura dos capítulos é feita sem nenhuma espécie de comentário. É a totalidade da narrativa que nos interessa, levando ao ouvinte a possibilidade de ter sua própria interpretação da leitura realizada.

As adversidades e a resistência

Comecei a trabalhar na Rádio da Universidade em agosto de 2019, fazendo locuções da programação musical e de noticiários. Estava relativamente acostumada a noticiar sobre política, economia, questões sociais e de saúde, no Jornalismo 1080, que era veiculado de segunda à sexta-feira, durante 10 minutos. Fazia o que chamamos locução *standard*, um tipo de locução de voz mais sóbria e com poucas variações de entonação, como era a diretriz da Rádio.

À época, eu tinha algum incômodo com o modo como fazíamos a locução na Rádio da Universidade, já que eu vinha de outra rádio pública, a FM Cultura de Porto Alegre, que já não tinha esse tipo de diretriz para a locução. Lá, os locutores eram entendidos como apresentadores dos programas, o que nos dava certa liberdade de apresentarmos nos aproximando da nossa fala cotidiana, mais coloquial. Mas esse incômodo realmente não era mais do que apenas o meu modo de olhar para o fazer da locução, que poderia ser mais leve e descontraído do que como nos era proposto.

A pandemia, a locução e a ansiedade: adversidades

Com a chegada da pandemia de Covid-19 alguns meses depois, fomos obrigados a repensar o trabalho, já que o período necessitava de isolamento social. De início, a Rádio me disponibilizou de um equipamento de transmissão utilizado para programas externos ao ambiente da Rádio, porém não durou muito e logo nos adaptamos ao uso do celular e dos softwares de chamada de áudio e vídeo. Eu estava particularmente assustada com a pandemia,

sentia medo de me contaminar e contaminar aos meus próximos, não se sabia ainda muito sobre o vírus e a doença causada por ele. O Jornalismo 1080 seguia entre minhas tarefas diárias e, além das notícias habituais nos temas já mencionados, foram incluídas também notícias culturais, de apresentações artísticas de todos os tipos realizadas virtualmente.

Todos os dias, em torno de uma hora antes de o programa ir ao ar, eu recebia o material produzido pelo Departamento de Jornalismo da rádio, revisava rapidamente e chamava o operador de áudio da Rádio para gravarmos o material — naquela situação, o noticiário não era veiculado ao vivo. Num desses dias, num momento bastante delicado da pandemia em que morriam em média duas mil pessoas por dia no Brasil, comecei a gravação do jornal, quando meu coração começou a acelerar, meu corpo começou a esquentar, minha respiração ficou totalmente ofegante e eu não conseguia ler uma palavra sem tremer a voz — e o corpo todo. Disse ao operador que logo retornaria e desliguei a chamada. Na minha cabeça ansiosa eu tinha contraído o vírus e, por isso, não conseguia respirar. Esse pensamento desencadeou uma crise de pânico e precisei chamar meu companheiro, que dava aula naquele momento, para me ajudar a recuperar o corpo, tomado pelo pânico.

Foram minutos que pareciam horas, com o pensamento ainda no fato de que eu precisava gravar o tal jornal, que iria ao ar dali a alguns minutos. Enquanto meu companheiro me abraçava forte para que eu recobrasse o fôlego e os sentidos, minha mente estava nos 2 mil mortos, no descaso do Governo Federal com a pandemia, na possibilidade de morrer com a doença. Me recobrei parcialmente e gravei o jornal ainda com a voz embargada.

Havia uma dissonância, para mim, na locução do jornal: a partir da ideia de que a locução deveria ser o mais sóbria possível, com poucas variações na entonação da voz para textos, eu lia uma notícia trágica sobre a pandemia quase que com o mesmo tom que lia uma dica cultural de uma *live* musical. O episódio de pânico me afastou temporariamente do trabalho e, neste momento, comecei a buscar atividades que me dessem algum alívio no cotidiano.

A literatura, o grupo de leitura e as possibilidades de resistência

No início de 2020, ainda antes da chegada da Covid-19 ao Brasil, tinha começado um diálogo com a Professora que orientou meu Trabalho de Conclusão de Curso, Magali L. Endruweit, para pensar um projeto para o Mestrado, no que ela me sugeriu a leitura de Michèle Petit. Comprei dois livros da autora e comecei por *A arte de ler: ou como resistir à adversidade* (2009). Ainda na introdução, a autora afirmava que “hoje, é possível dizer que o

mundo inteiro é um ‘espaço em crise’.” (p.20), ao que anotei à lápis, na margem, que mal sabia ela sobre como seria 2020.

Não consegui seguir a leitura naquele momento. Estava com a cabeça na pandemia e a cada parágrafo lido, precisava reler para retomar o raciocínio. Parecia que tinha uma nuvem densa na minha mente, e comentei com a Professora Magali sobre isso: eu não estava conseguindo ler. Naquele momento, ela me convidou para participar do grupo Lendo Clássicos em Voz Alta³, projeto de extensão da universidade que, em 2020, migrou para o ambiente virtual.

Era início de 2021 quando entrei no grupo. Existem diversos modos de se construir um grupo de leitura e, naquele, a proposta era a leitura em voz alta de livros clássicos da literatura, com a possibilidade de comentarmos nossas impressões, estranhamentos e o que mais houvesse para comentar, ao longo da própria leitura. Naquele momento, o grupo havia começado a leitura de *Grande Sertão: Veredas* (GUIMARÃES ROSA, 1982). Os encontros aconteciam às segundas e sextas, às 18 horas, pelo *Google Meet*. Ao ler e ouvir os outros participantes lendo, pude notar que aqueles encontros eram um respiro para a outra leitura em voz alta da minha vida: a locução de noticiários.

Era uma experiência tão intensa que fiquei pensando: seria possível a transpor para o rádio? Como rádio universitária, a Rádio não tem fins lucrativos e isto abre possibilidades para a experimentação. A ideia estava latente quanto a diretora da Rádio, Claudia Heinzemann, me contatou. Ela havia encontrado uma ouvinte que lhe perguntou se haveria a possibilidade de realizarmos leituras literárias na programação da Rádio, já que ela, uma senhora idosa, não conseguia mais ler sozinha. Como a Claudia sabia do meu interesse pela literatura e, à época, produzíamos um *podcast* que tinha um *momento de leitura*, ela me lançou a possibilidade de desenvolver a ideia. Convidamos, então, a jornalista e produtora cultural, Mariana Sirena, para colaborar com a produção e começamos, eu e Mariana, a pensar o formato.

Por conta da experiência com o grupo de leitura, propus que tivéssemos duas frentes, para que uma comportasse a possibilidade da leitura de obras longas, não apenas de textos curtos. Assim, lançamos o programa Da Estante. De segunda a sexta-feira, apresentamos textos curtos selecionados a partir de temas pré-definidos. Cartas, crônicas, poemas, contos e canções são selecionados para a leitura, e o programa tem em torno de cinco minutos, indo ao ar às 10h10, reprisado às 20h. Nesta frente, o programa é somente disponibilizado na

³ Sobre o projeto, recomendo a leitura do Trabalho de Conclusão de Curso de Gilmar José Taufer, que discorre principalmente sobre a experiência do grupo durante a pandemia de Covid-19. Está disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/230608>.

programação da Rádio, que pode ser acompanhada pelo dial ou pelo site da Rádio. Já aos domingos, numa espécie de folhetim radiofônico, lemos obras disponíveis no domínio público completas, divididas em capítulos e, quinzenalmente, conta com a presença de convidados das cenas universitária, literária e/ou radiofônica. Nesta frente, o programa vai ao ar aos domingos, às 20h, pelo dial e pelo site. Como a proposta aqui é de que o ouvinte possa acompanhar toda a leitura, o programa também é disponibilizado em podcast no site da Rádio e em plataformas de áudio.

Foi um verdadeiro respiro. Meus dias de isolamento social e aflição com o noticiário que apresentava diariamente foram tomados pela literatura. Pesquisar textos, pensar temas e convidados e conversar sobre literatura me trouxeram momentos bastante agradáveis no trabalho remoto. Como diz Petit, “os livros lidos são moradas emprestadas onde é possível se sentir protegido e sonhar com outros futuros, elaborar uma distância, mudar de ponto de vista” (2009, p.284).

A primeira leitura dos domingos foi de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1994), justamente um romance lançado, em sua época, em folhetim, ou seja, cada capítulo era lançado semanalmente, no jornal, no século XIX, mais ou menos como propusemos o programa. Digo mais ou menos porque em determinado ponto, notamos que os capítulos foram se tornando cada vez mais curtos. Então, para preencher os 15 minutos que pensamos para a proposta, acabamos por lançar programas com mais de um capítulo. Quinzenalmente, convidamos pessoas ligadas à literatura, à Universidade ou ao rádio para participar da leitura, que era dividida entre mim e a pessoa convidada.

O livro, mesmo escrito no século XIX, não deixou de ser atual, apesar da linguagem não ser. Não era uma leitura simples de se fazer em voz alta, mas ainda assim foi muito divertido. *Brás Cubas* é uma personagem detestável e, ao término de muitos capítulos, já fora da gravação, Mariana, eu e os eventuais convidados comentávamos sobre quantos *Brás Cubas* conhecemos na vida, sobre suas peripécias sacanas, suas tentativas de se tornar alguém importante mesmo sem nada a oferecer. Interessante foi perceber que, quando havia lido a primeira vez, eu já me divertia muito com a história, mas ainda lia na atenção de quem precisa reter informações para realizar uma prova sobre o tema. Na leitura do programa, o que interessava mesmo era fruir, conhecer melhor a história, a maneira que o autor escolheu contá-la, enfim. Voltando a Petit (2009), “Muito além de uma ferramenta pedagógica, a literatura é aqui uma reserva da qual se lança mão para criar ou preservar intervalos onde respirar, dar sentido à vida, sonhá-la, pensá-la.” (p. 285-286).

Por estarmos em isolamento, o programa era feito totalmente on-line, em reuniões de vídeo pelo programa *Microsoft Teams*, à época oferecido para a comunidade da UFRGS. Também estes momentos de encontro, tanto das reuniões de produção como das gravações foram bastante importantes naquele período. Era o que era possível existir em termos de contato social. Eram momentos que davam sentido ao trabalho, tiravam a sensação de estarmos totalmente isolados do convívio e nos permitiram, além de encontros com pessoas já conhecidas — como ex-professores e colegas de trabalho —, também nos possibilitaram conhecer novas pessoas, aumentando a rede de contatos pessoais e profissionais.

O narrador benjaminiano, a oralidade e o Da Estante

Walter Benjamin, em seu texto *O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (1987), discute sobre o desaparecimento dessa figura tão presente em outros tempos: o contador de histórias ou o narrador. Parte do imaginário popular, o contador de histórias torna as experiências particulares em reflexões mais coletivizadas, como pontua o autor: “a experiência que passa de pessoa em pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (1987, p. 200).

Quando criamos a proposta do programa *Da estante*, ainda não tinha um contato mais aprofundado com este e outros textos do autor. Já no mestrado, tive a disciplina *Teorias do processo criativo*, com o Professor Carlos Augusto Bonifácio Leite, que trabalhou com textos de Benjamin e Brecht. Foi ele quem apontou para uma perspectiva benjaminiana para o programa, quando trabalhávamos o texto acima citado, apontando para o fato de o programa recuperar a tradição oral da contação de histórias, mesmo que partam da leitura de um romance impresso.

“O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa — contos de fada, lendas e mesmo novelas — é que ele nem precede da tradição oral nem a alimenta” (BENJAMIN, 1987, p. 201) e aqui reside a reflexão: o programa, de certa forma, alimenta a tradição oral, já que oferece a contação da história do romance de maneira totalmente oralizada, característica intrínseca da linguagem radiofônica.

Enquanto noticiar as tragédias da pandemia no Brasil e no mundo, sem nenhum tipo de análise aprofundada da situação nem podendo gritar o absurdo que era o que vivemos no Brasil, era extremamente ansiogênico para mim, a possibilidade de ter a literatura tão presente no meu trabalho se tornou uma maneira interessante de repensar também a linguagem do rádio. Benjamin aponta para a possibilidade de olhar a narrativa como “uma forma artesanal

de linguagem” (1987, p. 205), que não está interessada na informação, no ‘puro em-si’ das situações. Mais do que isso, a narrativa abre espaço para a experiência, para conselhos e reflexões aprofundadas da condição humana. O autor também reflete sobre a imprensa, informativa, e a morte da contação de histórias:

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. (1987, p. 204)

E assim se desenrolou a leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (ASSIS, 1994), uma história do século XIX que ainda conserva suas forças, é capaz de gerar reflexões sobre a condição humana atualmente, principalmente sobre a burguesia brasileira.

Considerações Finais

Neste relato de experiência busquei narrar, principalmente, as motivações e propostas que deram base para a criação e produção do programa *Da Estante*, veiculado pela Rádio da Universidade (UFRGS), que se iniciou durante o período de isolamento social da pandemia de Covid-19. Por arcabouço teórico para o desenvolvimento da proposta utilizamos Petit (2009), Candido (2011) e, adiante, para outras reflexões que embasam a importância deste espaço de leitura literária no rádio, Benjamin (1987).

Conforme apontou Michèle Petit (2009), em suas pesquisas com grupos de leitura em voz alta em comunidades vulnerabilizadas, a literatura pode ser de grande valia no enfrentamento às adversidades. Enquanto experiência pessoal, o programa *Da Estante*, um espaço de leitura literária na Rádio, foi um respiro, uma possibilidade de continuar com as locuções de notícias por vezes devastadoras e ansiogênicas, por proporcionar a pesquisa e a leitura em voz alta de textos literários quase que diariamente. Toda leitura literária se tornou, senão material para o programa, possibilidade de buscar caminhos para ele.

Depois do desenvolvimento do projeto e de seu início, recuperei o hábito da leitura tanto de fruição como de pesquisa, e foi fundamental para que eu pudesse desenvolver um projeto de Mestrado na linha de pesquisa dos Estudos Literários Aplicados na UFRGS, que ingressei em 2022, em que eu proponho uma pesquisa historiográfica sobre a linguagem radiofônica.

A importância do programa também se dá para além da esfera pessoal, pois o *Da Estante* se tornou um Projeto de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

podendo contar com a participação de alunos de Graduação em Letras como bolsistas. Além disso, criamos uma página no Instagram em que, além de divulgações sobre o próprio programa, conta também com parcerias, como o projeto Leia mulheres, proposto pela Diretora da Biblioteca Central da UFRGS, Leticia Strehl, que foi uma das convidadas do programa. Através da página, temos contato com nosso público e recebemos retornos sobre o programa.

O ambiente da comunicação pública, que independe de patrocínios e apoios comerciais, é propício para a experimentação e para o desenvolvimento de projetos sem fins lucrativos. Sendo assim, o programa se insere na possibilidade de difusão da literatura, da acessibilização de obras literárias e das diferentes vozes que tornam a literatura um espaço de conhecimento do outro e de si, de reflexão, de entendimento do mundo e da humanidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A Falência**. 2. ed. Jandira: Principis, 2019.

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 197-221. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Disponível em: http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/O-Narrador_Walter-Benjamin-1.pdf. Acesso em: 17 maio 2023.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2009. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. 15. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982.